

GAZETA DE FÍSICA

Fundador: ARMANDO GIBERT

Direcção: J. Xavier de Brito — Rómulo de Carvalho — Armando Gibert— Lídia Salgueiro

Vol. I, Fasc. 1

Outubro de 1946

1. TRIBUNA DA FÍSICA

EM NOME DA DIRECÇÃO

ARMANDO GIBERT

A «Gazeta de Física» tem por primeiro e grande objectivo contribuir activamente para o desenvolvimento e elevação dos estudos de Física em Portugal em todos os graus de ensino, assim como para o esclarecimento dum público mais vasto sobre a posição real da intervenção da Física na vida moderna e sobre a acção do nível científico dos físicos e técnico-físicos no ritmo e na independência do progresso industrial do nosso País.

Estas palavras iniciaram a nossa primeira circular. Mais adiante, propúnhamos, na mesma, a luta pela criação dum Corpo Nacional de Físicos e Técnicos Científicos.

É isto, sem dúvida, o resumo dum programa e julgamos oportuno procurar desde já completá-lo e desenvolvê-lo um pouco mais...

Para facilitar muitos dos nossos outros objectivos, procuraremos realizar por meio da Gazeta de Física as condições, tão desejáveis no nosso meio, de coordenação de iniciativas e esforços dispersos e de colaboração entre os professores dos vários graus de ensino e os seus antigos alunos. Tentaremos também promover o maior interesse de todos pela «profissão» de físico, em particular dos nossos industriais, pelas vantagens que muitos

encontrarão associando físicos às suas emprêsas (como fazem correntemente lá fóra). Lutaremos ainda por condições de vida dignas, únicas capazes de assegurar um desempenho eficiente e elevado de qualquer profissão, em particular da nossa, tão prejudicialmente inaproveitada entre nós.

Dentro destes moldes não deixaremos de imprimir à nossa revista uma orientação bem definida, mas agradecemos a todos os que concordem com aquêles fins que enriqueçam os nossos projectos com sugestões, que serão sempre bem recebidas, e que contribuam para tornar o nosso serviço informativo tão completo quanto possível. Desejamos também pôr as páginas da Gazeta de Física ao serviço do maior número de físicos ou amigos da Física e para defesa das idéias mais diversas, mas reservamo-nos o direito de excluir todas as contribuições que, de qualquer modo, pelo seu espírito ou pela sua forma, nos pareçam susceptíveis de contrariar os nossos objectivos fundamentais. Por vezes o nosso ponto de vista será errado, e talvez aquele que rejeitarmos seja porventura o bom. No entanto esperamos que tais erros se dêem raramente, mas a atitude que nos leva a correr um tal

risco é a única que nos parece compatível com a eficácia da nossa acção e, por isso, havemos de a manter com intransigência. Oxalá a franqueza desta explicação evite que algum dos nossos amigos se sinta melindrado no dia em que, por força da doutrina exposta, sejamos levados a não publicar um dos seus artigos ou solicitemos a supressão ou a modificação de alguma das suas partes.

Havemos de dirigir-nos, muitas vezes, a pessoas cujas relações com a Física são desconhecidas ou negadas entre nós, mas também não descuraremos a tarefa fundamental de criar uma consciência colectiva dos nossos físicos (ou daqueles que assim deveriam considerar-se). Para isso é essencial encontrarmos a coragem de pôr a nú, sem desfalecer, as verdades dolorosas que se opõem ao reconhecimento da importância da nossa profissão. O caminho será longo, e só poderemos atingir a meta se procedermos constantemente a um profundo exame de consciência profissional e se fizermos e aceitarmos todas as críticas com uma objectividade totalmente impessoal

Alguns perguntarão: mas que devemos nós fazer? não tirámos nós um curso com uma boa classificação? não procuramos desempenhar-nos o melhor possível, e com satisfação dos nossos superiores, da tarefa profissional que nos cabe?...

Desejamos acentuar, já neste primeiro número, que queremos viver com os olhos postos no futuro, que as nossas críticas ao passado serão sêcamente realistas (tendo apenas em vista evitar repetição de erros e de modo algum culpar aqueles que os cometeram) e que não admitiremos chicanas pessoais nas nossas páginas, pois nem as pessoas nem as suas susceptibilidades nos interessam.

Por isso, em tórno da pergunta acima formulada e das objecções interrogativas que se lhe seguem, sugerimos os seguintes motivos de meditação:

1.º) Tirámos nós, de facto, um curso de Física?

2.º) Existirá, efectivamente, uma relação de causa a efeito entre aquilo que ficámos sabendo para tóda a vida e as notas que os nossos exames mereceram?

3.º) Estamos nós seguros de que reunimos pouco mais do que as condições mínimas para um desempenho activo e progressivo da nossa profissão?

Se as respostas ao que precede forem negativas, podemos admitir que assim seja? não será nossa obrigação aprofundar as causas de tais negativas? como conseguir que os actuais e futuros alunos de Física possam um dia responder-lhe diferentemente?

Crêmos ter estabelecido assim um imenso programa de luta. Oxalá êle corresponda, como esperamos, às aspirações mais elevadas do maior número possível dos mais influentes dos nossos colegas. Contamos com a colaboração activa de todos, desejamos conhecer os mais variados pontos de vista e aguardamos sugestões construtivas dos que sintam, como nós, a urgência premente de realizar aquêle programa.

Mas terá êle ficado claramente posto? Insistimos:

1.º) A Licenciatura em Ciências Físico-Químicas não é um curso de Física. Queremos uma «Licenciatura em Física», independente, única capaz de dar aos nossos futuros colegas um nível profissional elevado, comparável ao dos físicos estrangeiros.

2.º) Os princípios gerais que regulam a transmissão da Ciência e a verificação do aproveitamento, nas nossas Faculdades, são falsos, regressivos, ineficientes e improdutos. A Licenciatura em Física (como aliás todas as outras) precisa de ser organizada em bases novas, aumentando o ensino prático, reduzindo ao mínimo as aulas magistrais, criando Seminários e Colóquios, não tirando à Física que se ensina a Vida que lhe é própria e que mais naturalmente pode despertar o entusiasmo criador dos alunos, mas não descurando tão pouco o papel essencial da Hipótese nem o valor estimulante da Teoria.

3.º) Se não tirámos um curso de Física, se a Licenciatura em Físico-Químicas tem apenas 4 cadeiras de Física, uma das quais semestral, se as condições dêsse ensino reduzido estão longe de lhe dar uma eficácia máxima, se a prática experimental é uma com-

pleta ficção, como poderemos nós ter uma cultura e capacidade profissional do nível da dos nossos colegas estrangeiros e, portanto, como poderá ela ser suficiente para o desempenho activo e progressivo da nossa profissão? Não o é de facto, mas, quanto a nós, pensamos que só nos deve honrar reconhecê-lo e proclamá-lo. Mas isto não basta...

Uma vez definida a situação de inferioridade em que fomos colocados por virtude de causas estranhas à nossa vontade, é o nosso primeiro dever sacudir as algemas da comodidade e da suficiência e lançar mãos à obra de completar e elevar a nossa cultura profissional, lutando ao mesmo tempo pela criação de condições favoráveis para as gerações futuras.

É este o nosso primeiro dever, pois só assim nos poderemos impor como classe profissional e exigir dos outros o reconhecimento

da importância que nós sabemos que ela tem.

Este trabalho não deve sofrer interrupções e cada um deverá realizá-lo de acordo com as tendências pessoais e as suas possibilidades, mas seria extraordinariamente vantajoso que os esforços individuais se apoiassem em tarefas colectivas, por exemplo, em centros de estudo ligados de preferência às Faculdades, escrevendo na Gazeta de Física sobre temas de ensino, quer teóricos, quer práticos, colaborando em ciclos de conferências, etc.

Ventilámos assim algumas idéias que, provavelmente, constituíam já motivo de preocupação para muitos de nós. Esperamos que à «Gazeta de Física» caiba o importante papel de ser o agente de ligação, entre cada um de nós e todos os outros, na preparação e no estudo da acção coordenada que devemos desenvolver sem tardar.

ARMANDO GIBERT

ENSINO E INVESTIGAÇÃO

ARMANDO CYRILLO SOARES

No século que decorre, não passa de uma banalidade a afirmação de que só devem considerar-se verdadeiramente civilizadas as nações que ao desenvolvimento da Ciência dedicam boa parte de suas energias e de seus rendimentos.

Na verdade, são essas nações que, além de criarem, para a Humanidade, riquezas e possibilidades cada vez maiores, simultaneamente tornam o Homem cada vez mais digno de gozar os respectivos benefícios.

Os esforços feitos pelos homens de ciência para descobrirem os tesouros que a Natureza contém, procederem ao inventário e avaliação desses tesouros e garantirem o domínio humano dos mesmos, visam a contínua ampliação da Ciência, como sólido alicerce para o desenvolvimento da Civilização.

Estas idéias reconhecidas universalmente como assertos, a todos os povos indicam a

actividade científica como condição indispensável para poderem ser incluídos na lista das nações civilizadas e, conseqüentemente podem, de direito e não parasitariamente, usufruir todos os benefícios de riqueza, de poderio e de elevação da Humanidade, em quinhões tanto mais largos quanto mais valiosas forem as respectivas contribuições para a construção científica, isto é, para o progresso da Civilização.

Em Portugal, como no resto do mundo, de há muito se estabeleceram as idéias que aí ficam, se reconheceu o sentido em que devemos marchar, como nação desejosa de dignificar-se, e se apreendeu a responsabilidade que colectivamente assumimos, se não nos applicarmos esforçadamente a partilhar na tarefa imposta à Humanidade para seu engrandecimento próprio pelo engrandecimento da Ciência.